

O MATADOURO PUBLICO

Tratando, em nosso n.º 36, do matadouro publico e do caso de haver ficado a fortaleza de Santa Cruz 11 dias sem carne, esquecemos dizer que essa anormalidade, quanto á falta do fornecimento de carne á Santa Cruz, foi levado ao conhecimento do Exmo. Sr. Dr. Hercilio Luz, Governador do Estado, pelo Sr. Capitão de mar e guerra Frederico da Cruz Secco, honrado capitão do porto.

O Sr. Treska parece não ter comprehendido bem nossas palavras, pois que o não fizemos o maior culpado do caso e nos dirigiu a seguinte carta:

«Illmo. Sr. Redactor.

Lendo o artigo de fundo do vosso conceituado Jornal, deparei com um topico que diz respeito á minha honrabilidade commercial, e por isso venho esclarecer-vos esse ponto da questão «carne verde» de que trata o referido artigo, pedindo a publicação das linhas abaixo.

Não sendo negociante de carnes, fui compelido, pelas considerações que devo á digna Marinha de Guerra Brasileira, de aceitar o convite do Sr. capitão do porto para fornecer carne á Fortaleza de Santa Cruz visto como os marchantes desta capital não fizeram propostas convenientes.

Nestas condições principei o fornecimento, procurando mandar a melhor carne que havia no mercado, e como toda ella, nestes ultimos mezes tem sido pessima, em vista magresa do gado da serra, algumas remessas não foram aceitas, recusando-se tambem o marchante recebê-las o que me causou serios prejuizos.

Para que tal facto não continuasse, avisei em tempo, por carta e telegramma ao Sr. commandante da Fortaleza de Santa Cruz, que não havia carne melhor, e que providenciasse junto á Capitania, para conseguir outro fornecedor, e o mesmo fiz em pessoa em 1.º de Novembro na Capitania do Porto, visto eu não poder continuar.

Tendo sabido pelo 1.º tenente Cerqueira de Souza, que até ante-hontem os marchantes se negaram a fornecer, talvez pelos mesmos motivos que me levou a desistir desse fornecimento, procurei um negociante de carnes, para resolver o assumpto. Este se propoz fornecer carne gorda, de gado creolo, a 1500 rs. o kilo, com pagamento a vista, sujeitando-se elle a vender a 1000 o resto no mercado publico.

Como tenho 2 lanchas a gazolina exclusivamente para o serviço de conducção de pão á Fortaleza de Santa Cruz, custando a caixa de gazolina 50\$000, além das despezas de oleo, machinistas, patrão e camarada, conservação das embarcações, etc., e isto para fornecer apenas 19 kilos de pão por dia a mesma fortaleza, é natural que procurasse eu cobrir essas avultadas despezas com o serviço que as minhas embarcações possam prestar á Marinha, e nestas condições pedi o frete de 300 rs. por kilo de carne transportada, montando actualmente a 16 kilos diarios, o que me daria a irrisoria remuneração de 4.800 rs. por dia.

Por aqui se vê que não ha ganancia alguma da minha parte, como parece transpirar do seu artigo.

Esta é a verdade e si houver alguém que tenha procurado desviar deste ponto, o faz de má fé.

Subcrevo-me com alta estima e consideração

De V. Crdo. Obdo.

Francisco Treska.

Florianopolis, 10 de Novembro de 1918.